



RETROSPECTIVA DE ATUALIDADES

SETEMBRO DE 2023

Prof. Leandro Signori



FATOS INTERNACIONAIS

Prof. Leandro Signori

União Africana torna-se membro permanente do G20



O G20 decidiu incluir a União Africana (UA) como membro permanente do bloco, que agrega as 19 maiores economias do mundo e a União Europeia, disse hoje o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi.

Na capital indiana Nova Deli, durante a abertura de uma cúpula de dois dias do G20, Modi bateu o martelo três vezes antes de fazer o anúncio e recebeu aplausos. Ele apertou a mão e abraçou calorosamente o atual líder da UA, o Presidente de Comores, Azali Assoumani.

"Com a aprovação de todos, solicito ao representante da União Africana que assuma o seu lugar como membro permanente do G20", disse depois Modi, **sublinhando que foi a Índia que propôs a iniciativa.**

O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, tinha defendido, na sexta-feira, que a UA deveria tornar-se membro permanente do grupo.

"Veremos qual será a decisão, mas o que é claro que a União Europeia [UE] apoia a adesão da União Africana ao G20", declarou Michel, em uma conferência de imprensa em Nova Déli, antes do início da cimeira.

Em dezembro, o presidente norte-americano, Joe Biden, expressou o desejo de que a UA se juntasse ao G20 como membro permanente, assegurando que isso iria acontecer, posição reafirmada esta semana pelo seu conselheiro da Segurança nacional, Jake Sullivan.

Transporte

Durante a cúpula do G20, é esperado também o anúncio de um acordo para um **grande projeto de transporte que vai ligar a Europa à Índia**, disse hoje o conselheiro adjunto de segurança nacional dos Estados Unidos, Jon Finer.

O anúncio surge no momento em que Joe Biden trabalha para uma possível normalização das relações entre Israel e a Arábia Saudita, tal como já aconteceu entre Telavive e os Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Marrocos.

De acordo com o portal de notícias Axios, **o projeto prevê ligar os países árabes através de comboio – ligações que poderão ser estendidas a Israel em caso de normalização das relações, e depois à Europa através dos portos marítimos israelenses –, bem como ligações marítimas com a Índia.**

Tensão

O grupo G20 reúne-se hoje e amanhã na capital indiana, Nova Deli, em um **encontro marcado por tensões patentes na ausência dos presidentes da Rússia, Vladimir Putin, e da China, Xi Jinping.**

Na reunião, as fortes divergências sobre a guerra na Ucrânia, a eliminação progressiva de energias fósseis e a reestruturação da dívida deverão dominar os debates e, provavelmente, impedir qualquer acordo.

Tanto Moscou como Pequim confirmaram recentemente que os seus chefes de Estado não participariam da cúpula e que os respectivos países seriam representados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Serguei Lavrov, e pelo primeiro-ministro chinês, Li Qiang.

G20 termina com texto ameno sobre guerra e Brasil assumindo bloco



A 18ª Cúpula de Líderes do G20 terminou neste domingo (10.set.2023) em Nova Délhi, capital indiana, em **consenso por um texto vago sobre a guerra na Ucrânia, sem responsabilizar a Rússia, com discussões sobre o enfrentamento às questões climáticas, pedidos retóricos sobre reforma da ONU (Organização das Nações Unidas) e organismos multilaterais. O encontro foi encerrado com a passagem da presidência rotativa do bloco da Índia para o Brasil.** As reuniões do grupo foram realizadas no sábado (9.set.2023) e neste domingo (10.set.2023).

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu o comando do G20, pois já estava definido previamente em anos anteriores que 2024 seria a vez do Brasil presidir o bloco. Foi ainda um ato simbólico quando o petista recebeu o martelo de madeira que representa o cargo das mãos do primeiro-ministro indiano, Narendra Modi. **O Brasil só assumirá o posto de fato em 1º de dezembro. A Índia encerra seu mandato em 30 de novembro.**

Em seu 3º e último discurso na cúpula, **Lula reiterou a posição brasileira de afastar o bloco das principais discussões a respeito do conflito na Ucrânia. Sem mencionar diretamente a guerra, disse que não se pode deixar que “questões geopolíticas sequestrem a agenda de discussões das várias instâncias do G20”** e cobrou união do bloco. Ocorre que o grupo é exatamente uma união geopolítica.

Duas ausências foram anunciadas dias antes e esvaziaram a importância política da cúpula. **Os presidentes da Rússia, Vladimir Putin, e da China, Xi Jinping, não apareceram.**

Putin corria o risco de ser preso por ter sido condenado pelo TPI (Tribunal Penal Internacional) em março de 2023 por suposto crime de guerra e por deportação ilegal e transferência ilegal de crianças de áreas ocupadas da Ucrânia para a Rússia.

No caso do líder chinês, 2 fatores o levaram a não comparecer. Primeiro, uma disputa territorial com a Índia. Além disso, o país anfitrião está com uma estratégia de aproximação dos Estados Unidos.

Antes mesmo que os líderes do G20 começassem a chegar à Índia para a cúpula, um longo impasse entre os integrantes do bloco sobre como a guerra na Ucrânia deveria ser tratada na declaração final colocou em risco a divulgação do documento. Teria sido inédito se a cúpula não divulgasse um texto final. Até o sábado (9.set.2023) ainda havia dúvidas sobre a possibilidade de se chegar a um consenso.

Países do G7, liderados por Estados Unidos e União Europeia, queriam incluir uma condenação explícita à Rússia pela invasão do país vizinho, mas chineses e russos se recusavam a assinar o texto. **Brasil e Índia** apoiaram o pleito dos outros 2 países e **trabalharam para amenizar o tom do documento final.**

Por fim, os países ocidentais cederam, e a declaração foi publicada com uma curiosa condenação do conflito, mas sem menções diretas à Rússia – como se a guerra tivesse eclodido por geração espontânea. O documento rejeitou a invasão territorial e o uso da força contra a soberania ou independência política de qualquer Estado, disse que a ameaça de uso de armas nucleares é inadmissível e saudou iniciativas pela paz na região.

De maneira condescendente com a Rússia e com a China, o texto expressa que o G20 não é o fórum adequado para resolver questões geopolíticas, mas enfatizou as consequências econômicas globais do conflito. O argumento foi defendido pelo Brasil e pela Índia nas negociações. **Para os países do G7 foi uma forma de não deixar a cúpula indiana fracassar, especialmente diante do contexto da expansão do Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).**

Em entrevista à jornalista indiana Palki Sharma, do Firstpost, o presidente Lula explicitou a posição brasileira ao reiterar que a cúpula do G20 não seria o lugar para se debater a guerra. Disse que pretende discutir o tema na **próxima Assembleia Geral da ONU, que vai começar em 19 de setembro e tradicionalmente tem o representante do Brasil como 1º orador dos debates.** A entrevista foi ao ar na tarde de sábado (9.set.2023).

O presidente brasileiro também deu uma declaração controversa. Disse que se Vladimir Putin visitasse o Brasil não seria preso. Lula não explicou como faria isso. O Tribunal Penal Internacional, que determinou a busca e detenção do líder russo, tem o Brasil como um dos seus integrantes e poderia determinar uma punição se o país não cumprir o mandado de prisão.

Durante sua participação no G20, Lula voltou a repetir sua litania a respeito da necessidade de haver uma reforma de organismos multilaterais, maior participação dos países emergentes nas decisões do Banco Mundial e do FMI (Fundo Monetário Internacional), a revitalização da OMC (Organização Mundial do Comércio) e a reforma do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas).

O presidente repetiu, como sempre faz, que a dívida externa de países pobres precisa ser equacionada e revista (eufemismo para perdoada) por instituições financeiras internacionais porque essas nações não conseguem pagar seus débitos. “A comunidade internacional olha para nós com esperança, porque reunimos no G20 economias de países emergentes e países desenvolvidos”, disse.

ALIANÇA GLOBAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Brasil, Índia e Estados Unidos lançaram, à margem da cúpula, a Aliança Global de Biocombustíveis. A iniciativa reunirá 19 países e 12 organizações internacionais. A medida tem como objetivo aumentar a produção e o consumo principalmente de etanol no mundo. As 3 nações estão entre as 5 maiores produtoras do combustível. A criação da aliança foi incluída na declaração final do G20.

De acordo com dados da Agência Internacional de Energia, citados pelo governo brasileiro, **a produção global de biocombustíveis sustentáveis precisa triplicar até 2030 para que o mundo possa alcançar emissões líquidas zero até 2050.**

BRASIL PRESIDE G20

Lula apresentou o lema que o Brasil adotará para sua gestão à frente do bloco formado pelas maiores economias mundiais: **“Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável”**.

Propôs também a criação de duas forças-tarefas: a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, e a Mobilização Global contra a Mudança do Clima. As iniciativas precisam ser aprovadas pelos demais integrantes do bloco.

De acordo com Lula, o mandato brasileiro terá 3 prioridades:

- ☐ **Inclusão social e combate à fome**
- ☐ **Transição energética e o desenvolvimento sustentável em 3 vertentes: social, econômica e ambiental**
- ☐ **Reforma das instituições de governança global**

Lula explicou ainda que o Brasil pretende organizar seus trabalhos em torno de 3 orientações que englobam integrar as discussões políticas e financeiras, ouvir a sociedade e evitar que questões geopolíticas “sequestrem a agenda de discussões” das várias instâncias do G20.

Leia abaixo os demais temas de destaque do G20:

- ❑ **Ucrânia** – o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia, Oleg Nikolenko, disse que o G20 “não tem nada do que se orgulhar” com a declaração final.
- ❑ **Rússia** – poupado de críticas diretas, o país elogiou a declaração final dos líderes do G20. Segundo representante de Moscou, “a posição coletiva dos países e parceiros do Brics” funcionou, resultando em um texto “equilibrado”.
- ❑ **União Africana** – teve sua adesão permanente ao G20 anunciada no início da cúpula. A medida dá ao bloco de 55 integrantes o mesmo estatuto que a UE (União Europeia) tem no bloco. Antes, a União Africana era uma “organização internacional convidada”. Foi representada por Azali Assoumani.

- ❑ **Bharat** – foi a forma como o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, se referiu ao seu país na placa de identificação da cúpula. É um dos nomes oficiais do país, citado na Constituição, mas tem sido mais usado por Modi com viés eleitoral. Seu governo propõe a troca do nome em definitivo.
- ❑ **EUA e Índia** – o presidente dos EUA, Joe Biden, reiterou de forma retórica o apoio da Casa Branca para que a Índia tenha um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas). A ampliação do órgão e a entrada do Brasil como integrante permanente é uma das mais antigas demandas da diplomacia brasileira. **Em geral, qualquer país sempre vocaliza ser a favor desse pedido, mas, na prática, ninguém toma atitudes concretas para que a reforma seja implementada.**
- ❑ **Lula cobra países ricos** – pediu novamente aos países que contribuíram “historicamente” para o aquecimento global que financiem ações para combater o problema.

- ❑ **Putin livre no Brasil** – em entrevista ao canal indiano Firtpost, Lula disse que se o presidente russo não será preso caso participe da reunião do G20 de 2024, que será realizada no Rio. Segundo o brasileiro, outros países não desrespeitarão a independência do Brasil. O TPI (Tribunal Penal Internacional) emitiu em março de 2023 mandados de prisão contra Putin por suposto crime de guerra por deportação ilegal e transferência ilegal de crianças de áreas ocupadas da Ucrânia para a Rússia. O governo brasileiro, porém, pode ser punido pelo TPI ou pela ONU caso descumpra a ordem de prisão. (Comentário do professor: a matéria exagerou ao dizer que o Brasil pode ser punido pela ONU por isso. A organização não tem esse poder).
- ❑ **Janja na cúpula** – Lula foi o único chefe de Estado que entrou acompanhado da primeira-dama no G20. O casal percorreu um caminho com um tapete vermelho e ladeado por bandeiras dos países até serem recepcionados pelo primeiro-ministro indiano, Narendra Modi. Depois, Janja postou duas fotos de dentro da sala onde as sessões foram realizadas. Ela esteve sentada atrás de Lula.

Brasil pode rever adesão ao Tribunal Penal Internacional, diz Flávio Dino



O ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, disse nesta quarta-feira (13) que a diplomacia brasileira pode rever a adesão do país ao Tribunal Penal Internacional (TPI).

Dino defendeu o debate sobre a permanência do Brasil no acordo e afirmou que **o tribunal sofre de “desbalanceamento”, uma vez que nações importantes como China, Rússia e Estados Unidos não reconhecem suas decisões.**

A declaração de Dino nesta quarta-feira no Senado vem após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dizer que não cumpriria a ordem de prisão do presidente da Rússia, Vladimir Putin, emitida pelo TPI em março, caso o líder russo visitasse o Brasil.

Por conta dessa decisão do tribunal, Putin não compareceu à Cúpula dos Brics, na África do Sul, no mês passado, devido ao risco de ser detido no país.

“O que o presidente Lula alertou corretamente, é que há um desbalanceamento em que alguns países aderiram e outros não. Isso sugere que, em algum momento, a diplomacia pode rever essa adesão a esse acordo, uma vez que não houve essa igualdade entre as nações na aplicação deste instrumento. É o alerta que o presidente fez, é claro que a diplomacia brasileira vai conseguir analisar isso em outro momento”, disse Dino.

Depois da repercussão negativa, Lula voltou atrás e disse que a eventual prisão de Putin no Brasil seria analisada pela Justiça. Dino reforçou esse posicionamento e disse que a prisão do mandatário russo só seria passível de análise quando acontecer.

“É uma decisão de natureza política, seria preciso que essa situação se configurasse para que houvesse uma análise quanto ao cumprimento ou não desse tratado internacional à vista dessa circunstância concreta, em que grandes países do planeta não aderiram ao TPI, o que pode indicar que a revisão do **estatuto de Roma** seja uma medida adequada”, apontou.

Mais tarde, em uma publicação em seu perfil no X (antigo Twitter), Dino afirmou que “não há nenhuma proposta, nesse momento, de saída do Brasil do Tribunal Penal Internacional”.

Em declaração, G77 pede fim de embargos contra países do Sul Global



O G77, formado por 134 países em desenvolvimento, do chamado Sul Global, assinaram neste sábado (16.set.2023) uma declaração conjunta em que pedem o fim imediato de medidas econômicas coercitivas e unilaterais, como o embargo dos Estados Unidos contra Cuba.

Os países afirmam que esse tipo de sanção prejudica o avanço econômico, social, científico e tecnológico nos países em desenvolvimento. A edição da cúpula deste ano foi realizada em Havana, capital cubana, e **teve a China como país convidado.**

Mais cedo neste sábado (16.set), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou e chamou de “ilegal” o embargo dos EUA contra Cuba há mais de 60 anos. O presidente brasileiro também rechaçou “a inclusão de Cuba na lista de Estados patrocinadores do terrorismo”.

Na declaração, os países também fazem um apelo à comunidade internacional por uma “ação urgente” para ampliar o acesso a produtos e tecnologias, em especial, os relacionados à saúde, nos países em desenvolvimento.

“Notamos com profunda preocupação as disparidades existentes entre países desenvolvidos e em desenvolvimento em termos de condições, possibilidades e capacidades para produzir novos conhecimentos científicos e tecnológicos”, afirmam no texto.

As nações também mencionaram a importância de fortalecer parcerias e colaborações nas áreas de ciência e tecnologia, além de destacarem a necessidade de maior investimento nesses segmentos. O grupo determinou o dia 16 de setembro como o Dia da Ciência, Tecnologia e Inovação no Sul Global.

CÚPULA DO G77

O Grupo dos 77 é a principal organização de países em desenvolvimento da ONU (Organização das Nações Unidas), e promove interesses compartilhados entre essas nações e exerce influência significativa na economia e nas relações de cooperação, desenvolvimento e multilateralismo.

O tema definido para esta edição é: **“Os desafios atuais para o desenvolvimento: o papel da ciência, da tecnologia e da inovação”**.

Dentre as prioridades, estão:

- ☐ economia e finanças;
- ☐ cooperação e transferência de tecnologia;
- ☐ erradicação da fome e da pobreza;
- ☐ defesa da reforma da governança financeira internacional.

O G77 foi criado em 1964 por 77 países em desenvolvimento que assinaram a “Declaração Conjunta dos 77 Países em Desenvolvimento”, emitida ao final da 1ª sessão da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento em Genebra. A 1ª reunião do G77 foi em Argel, na Argélia, em 1967.

Atualmente, 134 países integram o grupo, mas o nome original foi mantido pelo seu significado histórico. O próximo país a assumir a presidência do bloco será Uganda.

China divulga novo mapa com território ampliado e gera protestos de vizinhos

China amplia território em novo mapa

- Áreas incorporadas em terra
- - Área incorporada no mar do Sul da China
- ▨ Zona Econômica Exclusiva de países vizinhos*



* Cerca de 200 milhas náuticas da costa

A divulgação pela China de um novo mapa com traçado mais amplo das fronteiras nacionais e que incorpora áreas em disputa aumentou a tensão regional e gerou protestos de vizinhos do gigante asiático.

Em tom duro, Índia, Filipinas, Malásia, Taiwan e Vietnã disseram que o documento não tem fundamento e acusaram Pequim de adotar uma postura expansionista com a reivindicação de regiões contestadas, incluindo o mar do Sul da China, área estratégica cuja soberania é disputada por vários países.

O mapa foi divulgado na segunda (28) pelo Ministério de Recursos Naturais chinês. Pequim diz que o novo tracejado é baseado em documentos históricos e que foi estabelecido com "critérios racionais". Segundo o regime chinês, desde 2006 o país publica anualmente novas versões de seu mapa para "corrigir problemas".

Em nota divulgada nesta quinta (31), o governo das Filipinas instou o vizinho a agir de "forma responsável" e a respeitar o entendimento do **tribunal em Haia**, que em 2016 apontou que Pequim não têm base legal para reivindicar "direitos históricos" sobre a maior parte do mar do Sul da China.

O regime chinês diz que não reconhece a legitimidade da sentença e reivindica grande parte do território pelo qual transitam trilhões de dólares em mercadorias todos os anos. "[A divulgação do mapa] é a mais recente tentativa de legitimar a suposta soberania da China sobre as características e zonas marítimas das Filipinas, sem base no direito internacional", disse o Ministério das Relações Exteriores filipino.

Outros países da região já haviam apresentado protestos diplomáticos contra Pequim. O Ministério das Relações Exteriores do Vietnã disse que as reivindicações chinesas não têm valor e violam as leis internacionais. Pham Thu Hang, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ainda acusou a China de usar a força contra barcos de pesca vietnamitas que navegam no mar do Sul da China.

A Índia foi a primeira a reclamar, na terça (29), quando protestou contra a incorporação do estado indiano de **Arunachal Pradesh**, localizado no noroeste do país, mas reivindicado pela China que o considera parte da região autônoma do Tibete. Nova Déli ainda questionou a indexação de **Aksai-Chin**, região situada na Caxemira disputada por Índia e Paquistão e com uma pequena parte administrada pela China.

Segundo o ministro das Relações Exteriores indiano, Subrahmanyam Jaishankar, o mapa apresentado pela China é absurdo. "No passado, Pequim já havia publicado mapas que reivindicam territórios que não são da China, que pertencem a outros países. É um hábito antigo deles", afirmou ao canal local NDTV.

O mapa chinês ainda incorpora a ilha de Taiwan, província considerada rebelde por Pequim.

Questionado sobre o documento, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores taiwanês, Jeff Liu, disse que a ilha "absolutamente não faz parte da República Popular da China". "Não importa o quanto o a China distorça a posição sobre Taiwan, eles não podem mudar o fato da existência do nosso país".

Nos últimos meses, o regime de Xi Jinping aumentou as pressões militar e política sobre Taiwan, prometendo retomar a ilha à força se necessário. O ápice das tensões aconteceu em agosto passado, quando a então presidente da Câmara dos EUA, a democrata Nancy Pelosi, fez a primeira visita de uma alta autoridade americana em 25 anos ao território. Em resposta, as forças chinesas simularam um "cerco total" a Taiwan.

Segundo a emissora estatal China Central Television, Pequim está realizando uma "semana nacional de publicidade para conscientização de mapas". Questionado sobre o motivo das mudanças no tracejado, Wang Wenbin, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês, limitou-se a dizer que o posicionamento do regime sobre seus territórios sempre foi "inequívoco".

"A posição da China sobre a questão do mar do Sul da China sempre foi clara. As autoridades competentes atualizam e divulgam regularmente vários tipos de mapas padrão todos os anos", disse ele.

No começo do mês, a tensão no mar do Sul da China aumentou após a Guarda Costeira chinesa usar canhões de água contra navios filipinos que escoltavam embarcações com suprimentos para suas tropas mobilizadas no banco de areia Ayungin, ou Second Thomas, como também é chamado. Ninguém ficou ferido durante o incidente, mas um dos dois barcos filipinos que transportavam suprimentos não conseguiu completar sua missão.

O episódio minou os esforços para fortalecer a confiança entre Manila e Pequim. Os elos entre as nações ficaram tensos sob a gestão do atual presidente das Filipinas, Ferdinand Marcos Jr., que voltou sua atenção para seu aliado tradicional, os Estados Unidos, rival da China na Guerra Fria 2.0.

Em encontro com Putin, Kim Jong-un diz que a Rússia conseguirá uma grande vitória contra seus inimigos



Em encontro com Vladimir Putin, o líder da Coreia do Norte, Kim Jong Un, disse nesta quarta-feira (13) que a Rússia conquistará uma "grande vitória" contra seus inimigos, durante uma **rara visita ao país, com o qual busca fortalecer suas relações, especialmente militares.**

Até o momento, no entanto, nenhuma informação foi divulgada sobre um possível acordo para a entrega de equipamentos militares para a Rússia para apoiar a ofensiva na Ucrânia, como Washington mencionou que poderia acontecer na véspera da reunião.

Depois da chegada de Kim à Rússia, **a bordo de seu trem blindado**, os dois governantes trocaram um aperto de mão e visitaram as instalações do cosmódromo de Vostochni, incluindo uma área de montagem de foguetes Angara russos de nova geração.

Eles participaram de discussões oficiais por duas horas com suas delegações e, em seguida, conversaram de maneira reservada. Depois, compareceram a um jantar em homenagem ao líder norte-coreano.

— Estamos convencidos de que o exército russo e o povo russo conquistarão uma grande vitória na luta justa para punir os grupos malignos que buscam a hegemonia e a expansão — afirmou o líder norte-coreano.

Diante de Kim, Putin fez um brinde em tom solene ao "futuro fortalecimento da cooperação" com Pyongyang, atrás de uma grande mesa, ao lado de autoridades russas e norte-coreanas.

Putin anunciou que Kim Jong Un acompanhará uma demonstração da Marinha russa em Vladivostok e visitará fábricas de equipamentos aeronáuticos, "civis e militares", na região do extremo leste.

O presidente russo disse que vê "perspectivas" de cooperação militar com a Coreia do Norte, apesar das sanções internacionais a Pyongyang, país isolado por seus programas nucleares e de mísseis.

— A Rússia respeita todas as restrições. Mas há coisas sobre as quais definitivamente podemos falar, estamos discutindo (...) E também há perspectivas— declarou Putin à televisão estatal russa. — Prioridade máxima — ressaltou.

Esta foi a primeira reunião entre os dois governantes desde a viagem de Kim Jong Un a Vladivostok em 2019. Washington teme que a reunião facilite a entrega de armas norte-coreanas a Moscou para as operações militares na Ucrânia.

Kim chamou a reunião de "trampolim" para fortalecer as relações entre os dois países e que transformará as relações com a Rússia na "prioridade máxima" de sua diplomacia.

— Aproveito esta oportunidade para afirmar que sempre estaremos com a Rússia — disse o líder da Coreia do Norte.

Os ministros da Defesa, Serguei Shoigu, e das Relações Exteriores, Serguei Lavrov, participaram nas discussões, assim como o titular da pasta da Indústria, Denis Manturov.

A porta-voz da diplomacia chinesa afirmou nesta quarta-feira que a reunião diz respeito apenas "às relações entre os dois países".

Pequim continua sendo o principal apoio político e econômico de Pyongyang.

Kim Jong Un, que saiu no domingo à noite da capital norte-coreana, chegou ao cosmódromo com uma delegação de comandantes militares. Esta é sua primeira viagem ao exterior desde o início da pandemia de covid-19.

Durante a visita de Kim à Rússia, a Coreia do Norte lançou um "míssil balístico não identificado em direção ao Mar do Leste", anunciou o Estado-Maior Conjunto em Seul, utilizando o nome coreano para o Mar do Japão. Tóquio citou os lançamentos de dois mísseis balísticos.

A escolha do cosmódromo para o encontro é simbólica. Nesta quarta-feira, Putin citou a possibilidade de a Rússia ajudar a Coreia do Norte a construir satélites, depois que Pyongyang fracassou em duas tentativas recentes de colocar um satélite espião militar em órbita.

— Por isso que viemos até aqui. O líder da Coreia do Norte mostra grande interesse na tecnologia de foguetes. Eles estão tentando desenvolver um programa espacial — disse Putin, segundo as agências de notícias russas.

Crise na guerra e corrupção derrubam ministro da Defesa da Ucrânia



O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, anunciou neste domingo (3) que propôs ao Parlamento do país a **demissão do ministro da Defesa, Oleksii Reznikov**, uma das mais reconhecíveis faces da resistência à invasão russa iniciada em fevereiro de 2022.

Para seu lugar foi indicado **Rustem Umerov**, um ex-deputado com origem política na Crimeia anexada pela Rússia em 2014 e hoje chefe do fundo de privatizações da Ucrânia. **Ele participou das fracassadas negociações de paz entre Moscou e Kiev logo após o início da guerra.**

Não que ele seja necessariamente um pacifista, já que a imprensa estatal russa o acusava de ser um agente dos Estados Unidos postado nas rodadas de conversa na Belarus, em março do ano passado, para espionar e tentar cooptar membros da delegação russa.

Mas **a entrada de um ex-negociador no jogo poderá ser lida como uma sinalização a Moscou**. Além dos eventos em tempos de guerra, como também as conversas para o hoje suspenso acordo de exportações de grãos, ele havia fundado um grupo de negociação para normalizar relações entre a Ucrânia e a Rússia chamado Plataforma da Crimeia —ele é da etnia tártara, uma das mais oprimidas historicamente na península.

Reznikov cai em um momento bastante delicado. Sua saída vinha sendo especulada há semanas, após um **grande escândalo de corrupção envolvendo o alistamento militar ucraniano. Todos os chefes regionais responsáveis pelo setor foram demitidos por vender isenção do serviço, e ele já havia enfrentado uma crise com denúncias de desvios de dinheiro no Exército em 2022.**

Mas **seu maior problema é a contraofensiva ucraniana**, iniciada em 4 de junho e que até aqui não trouxe um resultado palpável além de conquistas pontuais para Kiev e de uma ofensiva própria dos russos que tem avançado no nordeste do país.

As dificuldades ucranianas, apesar do triunfalismo esposado pela mídia europeia e americana de que um trecho da primeira de três linhas defensivas num setor de Zaporíjia (sul) enfim foi ultrapassado por Kiev na semana passada, têm atraído críticas e ceticismo no Ocidente.

Neste mesmo domingo, a chancelaria ucraniana divulgou **que foi atingida a marca de US\$ 100 bilhões (R\$ 500 bilhões) só em ajuda militar de países da Otan**, a aliança militar ocidental, e outros aliados dos EUA a Kiev desde o começo da guerra. Isso equivale a quase 23 vezes o orçamento anual de defesa da Ucrânia em 2021, antes da invasão.

Nem todos os ocidentais parecem dispostos a pagar a conta sem retorno condizente. O chanceler Dmitro Kuleba perdeu a paciência nesta semana, dizendo que os críticos deveriam "calar a boca". O ex-secretário de Defesa do Reino Unido Ben Wallace sugeriu que o Ocidente não era "a Amazon" das armas, e o chefe de gabinete do secretário-geral da Otan falou recentemente que Kiev tinha de ceder territórios aos russos.

"Reznikov passou por mais de 550 dias de uma guerra em grande escala. Acredito que o ministério necessita de novas abordagens e outros formatos de interação, tanto com os militares como com a sociedade como um todo. A Verkhovna Rada [Parlamento] da Ucrânia conhece bem o sr. Umerov, ele não necessita de apresentações adicionais. Espero que apoie esta candidatura", afirmou Zelenski.

A despeito das razões reais, a mudança implicará quase com certeza uma mudança tática ou estratégica na condução da guerra. Zelenski tem suportado as pressões e já disse que será candidato à reeleição em 2024 caso o conflito tenha acabado ou se a lei marcial que hoje impede pleitos for modificada para permiti-los em tempos como o atual.

O presidente tem se esforçado para cumprir as **exigências ocidentais em relação aos padrões de probidade de seu país, notoriamente baixos**. Em um exemplo graúdo, seu padrinho político, o bilionário Ihor Kolomoiski, foi preso neste sábado (2) sob acusação de corrupção.

Só que **a realidade é que o relógio corre com outra eleição no horizonte, a de novembro de 2024 nos EUA.** O presidente Joe Biden vai buscar ficar no cargo e precisa ter o que dizer aos eleitores acerca do rumo que dará à ajuda bilionária a Kiev na campanha já na virada do ano. Seu provável oponente republicano, o antecessor Donald Trump, já sinalizou que quer deixar Zelenski sozinho.

Presidente da Câmara dos EUA pede inquérito para impeachment de Biden



O presidente da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, o republicano Kevin McCarthy, lançou nesta terça-feira um inquérito de impeachment contra Joe Biden, impulsionando o Congresso em direção a um esforço de longo prazo para remover o presidente democrata após dois impeachments do ex-presidente Donald Trump.

A ação de McCarthy prepara o terreno para meses de audiências polêmicas na Câmara dos Deputados que podem desviar a atenção e os esforços dos parlamentares para evitar uma paralisação do governo e podem tumultuar a corrida presidencial de 2024, na qual Trump espera vingar sua derrota nas eleições de 2020 para Biden e reconquistar a Casa Branca.

"Estou instruindo nossos comitês da Câmara a abrirem um inquérito formal de impeachment contra o presidente Joe Biden", disse McCarthy aos repórteres.

Muitos no partido de McCarthy ficaram furiosos quando a Câmara, então controlada pelos democratas, votou pelo impeachment do ex-presidente Donald Trump duas vezes – em 2019 e 2021 – embora ele tenha sido absolvido em ambos os casos no Senado. Alguns republicanos de linha dura vinham dizendo que tentariam remover McCarthy da liderança da Câmara se ele não seguisse em frente com um esforço de impeachment contra Biden.

Acusação

Os republicanos, que agora controlam a Câmara por uma pequena margem, têm acusado Biden de lucrar, quando era vice-presidente (de 2009 a 2017), com os empreendimentos comerciais estrangeiros de seu filho Hunter Biden. Mas uma investigação do Senado em 2020 e vários meses de apuração pelos republicanos da Câmara neste ano não conseguiram encontrar evidências de irregularidades cometidas por Biden.

"Iremos para onde as evidências nos levarem", disse McCarthy.

Biden já havia zombado dos republicanos sobre um possível impeachment e a Casa Branca disse que eles não têm base para isso.

"Política extrema no seu pior", escreveu o porta-voz da Casa Branca, Ian Sams, nas mídias sociais.

A investigação se concentrará nos negócios de Hunter Biden na Ucrânia, que os republicanos vêm investigando desde antes de conquistarem a maioria na Câmara, neste ano. De fato, o primeiro impeachment de Trump foi motivado por seus pedidos à Ucrânia para investigá-los enquanto ele se preparava para um desafio eleitoral contra Biden.

Nenhum presidente dos EUA jamais foi destituído do cargo por impeachment, mas o procedimento – que já foi uma raridade – tornou-se comum.

Os republicanos têm investigado as atividades comerciais de Hunter Biden há anos, e um promotor federal também está buscando acusações criminais relativas a impostos.

McCarthy disse que os republicanos encontraram evidências de ligações telefônicas, transferências de dinheiro e outras atividades que "pintam um quadro de uma cultura de corrupção" na família de Biden. Ele não citou nenhuma evidência de má conduta do próprio Biden.

McCarthy disse que sua intenção é aumentar a capacidade dos investigadores de obter informações, e não chegar a um resultado predeterminado. "É só isso que estamos fazendo. Os Estados Unidos precisam das respostas", disse ele aos repórteres.

Eles iniciarão os trabalhos sem uma votação na Câmara, como foi feito antes do primeiro impeachment de Trump. Essa votação não é necessária, mas pode acrescentar legitimidade ao esforço.

Ainda não se sabe se McCarthy terá apoio suficiente da maioria de 222 republicanos a 212 democratas para que a votação seja bem-sucedida.

O senador republicano Mitt Romney, uma das vozes mais moderadas do partido, disse que estava confortável com a medida.

"O fato de a Casa Branca ter permanecido em silêncio e ter afagado Hunter Biden sugere que uma investigação não é inadequada", disse Romney aos repórteres.

Os democratas criticaram o inquérito como um esforço para desviar a atenção das próprias dificuldades dos republicanos para governar, bem como dos problemas legais de Trump, que enfrenta quatro indiciamentos criminais separados enquanto concorre à indicação presidencial de seu partido para enfrentar Biden em 2024.

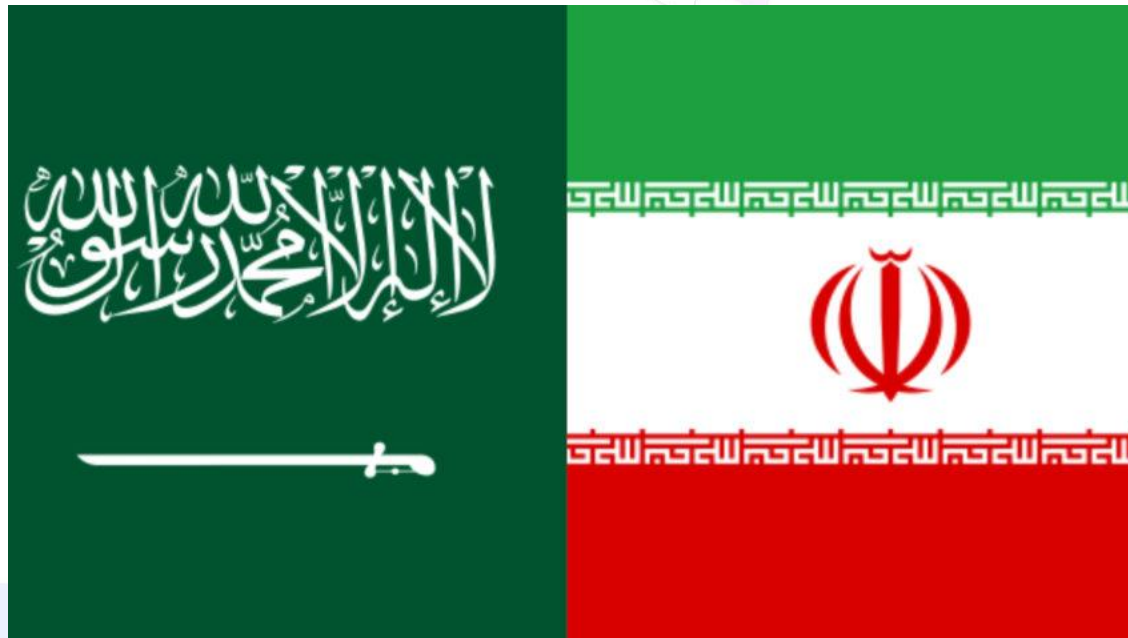
Trump tem pressionado os republicanos para tentar destituir Biden do cargo. Vários republicanos extremistas disseram que não votariam a favor de projetos de lei de gastos, a menos que McCarthy autorizasse um inquérito de impeachment. Se o Congresso não aprovar esses projetos de gastos até o início do novo ano fiscal, em 1º de outubro, grande parte do governo dos EUA terá de fechar as portas.

A Constituição dos EUA autoriza o Congresso a acusar autoridades federais, incluindo o presidente, por traição, suborno e "outros crimes e contravenções graves". Um presidente pode ser destituído do cargo se a Câmara aprovar artigos de impeachment por maioria simples e o Senado votar por maioria de dois terços para condenar após a realização de um julgamento.

Qualquer esforço pelo impeachment de Biden dificilmente terá sucesso. Mesmo que a Câmara vote a favor – uma perspectiva incerta, dada a estreita margem de votos – é quase certo que a tentativa fracassará no Senado controlado pelos democratas.

Trump é o único presidente dos EUA que teve procedimentos de impeachment abertos duas vezes. Ele foi absolvido em ambas as situações, após julgamentos no Senado, graças aos votos de seus pares republicanos que impediram a Casa de alcançar a maioria de dois terços necessária para a condenação.

Arábia Saudita e Irã formalizam relações diplomáticas



O Irã e a Arábia Saudita intercambiaram embaixadores e retomaram formalmente as relações diplomáticas nesta 4ª feira (6.set.2023). Os países, que defendem lados opostos em zonas de conflito no Oriente Médio, chegaram a um acordo em março para recuperar os vínculos bilaterais. Estavam rompidos desde 2016.

A negociação foi intermediada pela China –a cerimônia de assinatura do acordo foi em Pequim. Iraque e Omã sediaram rodadas anteriores da negociação em 2021 e 2022.

A embaixada da Arábia Saudita em Teerã retomou as operações em agosto, enquanto o Irã reabriu a sua embaixada em Riad com uma cerimônia de hasteamento da bandeira em junho.

Ao chegar em Teerã nesta 4ª feira (6.set), o embaixador saudita Abdullah Alanazi disse ser importante “fortalecer os laços, aumentar o envolvimento e levar [o relacionamento] a horizontes mais amplos”.

Já o diplomata iraniano Alireza Enayati foi recebido por funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita ao chegar na capital Riade.

Alanazi foi embaixador da Arábia Saudita em Omã, enquanto Enyati foi anteriormente enviado do Irã no Kuwait.

ENTENDA

Além das representações oficiais, o acordo de março também prevê a expansão da colaboração em áreas econômicas, comerciais, científicas e culturais entre iranianos e sauditas.

As relações bilaterais estavam rompidas há mais de 7 anos, depois de manifestantes iranianos invadirem sedes diplomáticas sauditas em protesto contra a execução de um líder muçulmano xiita.

O Irã, majoritariamente composto por xiitas —muçulmanos que consideram Ali como o verdadeiro sucessor de Maomé, e a Arábia Saudita, de maioria sunita, são rivais históricos e frequentemente estão envolvidos em tensões no Oriente Médio, como a guerra no Iêmen.

Chile, 50 anos do golpe: a luta contra um passado mal resolvido



Ni perdón, ni olvido!

O grito de ordem - que em português pode ser traduzido como "nem perdão, nem esquecimento" - é ecoado há décadas por aqueles que buscam justiça contra torturadores, assassinos, mandantes e cúmplices da ditadura militar no Chile. Há exatos 50 anos, no dia 11 de setembro de 1973, as Forças Armadas, lideradas pelo general Augusto Pinochet, deram um golpe de Estado, que encerrou o governo socialista e democrático de Salvador Allende.

O país se juntava, então, a outros vizinhos latino-americanos que estavam sob o controle de governos autoritários, como era o caso do próprio Brasil desde 1964. Foram 17 anos até que o Chile voltasse a ter eleições presidenciais e as Forças Armadas deixassem o poder. Mas as heranças sombrias desse período continuam a se fazer presentes na sociedade chilena. Enquanto alguns lutam há décadas para achar os corpos dos familiares desaparecidos na ditadura, ressurgem forças de extrema-direita e negacionismos, e o país têm dificuldades para substituir uma Constituição criada no governo Pinochet vigente até hoje.

Relembrar o golpe e a ditadura, nesse contexto atual, é um exercício importante de memória e de resistência contra um passado que insiste em não ir embora. Seja no Chile, no Brasil ou no restante do mundo.

Salvador Allende e Unidad Popular

Formado em medicina, Salvador Allende construiu uma carreira ativa na política. Integrou o Partido Socialista tão logo este foi fundado em 1933, deputado por Valparaíso e Quillota e ocupou o cargo de ministro de Saúde, Previdência e Assistência Social entre 1938 e 1941. A partir de 1945, se manteve no cargo de senador durante 25 anos. Durante esse período, concorreu à presidência da República quatro vezes. Foi apenas na última, em 1970, que conseguiu ser eleito.

Apoiado por uma coligação de partidos de esquerda chamada Unidad Popular, Allende teve 36% dos votos. Uma vitória apertada em relação ao segundo colocado, Jorge Alessandri, da coligação de direita, com 34,9%; e 27,8% do terceiro, Radomiro Tomic. Pela primeira vez na história, um político socialista e marxista chegava ao governo de um país por meio de votação popular. O projeto político ficou conhecido como a “experiência chilena”, que significava a via democrática até o socialismo, sem uma ruptura revolucionária.

Apesar do começo promissor, o governo Allende teve que lidar com um país ideologicamente polarizado, com um contexto internacional desfavorável de Guerra Fria e com as próprias disputas internas da esquerda. Uma ala grande da Unidad Popular era favorável a seguir o caminho de Cuba, que em 1959 havia se tornado um país socialista pela via armada.

“Principalmente no primeiro ano de governo, vai se criar uma sensação mais ou menos geral de bem-estar. As primeiras deliberações são de elevação salarial, o que vai gerar um consumo desenfreado de bens duráveis e não duráveis, especialmente domésticos. Então isso faz com que haja uma sensação de bonança e apoio a um governo que se mostra exitoso. Já no ano seguinte, começam os problemas com inflação, bloqueio norte-americano e isolamento do Chile em relação à social-democracia europeia, à União Soviética e à China. Isso agrava os problemas econômicos o governo começa a entrar em um movimento declinante”, diz o historiador Alberto Aggio, da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Ele lançou em junho desse ano o livro 50 anos do Chile de Allende: Uma leitura crítica. Crescia, dessa forma, a oposição interna ao governo e o apoio dos Estados Unidos à derrubada de Allende. No dia 11 de setembro de 1973, os militares decidem bombardear o Palacio de La Moneda, sede presidencial. Allende comete suicídio e tem início longos 17 anos de ditadura.

Pinochet e a ditadura

Augusto Pinochet era o Comandante do Exército do Chile quando aconteceu o golpe. Com o fim do governo Allende, uma Junta Militar assumiu o poder no país. Pinochet foi nomeado Chefe Supremo da Nação em junho de 1974 e, em setembro, presidente da República. Posição em que se manteria até 1990.

A ditadura militar se caracterizou por destruir o sistema democrático, encerrar os partidos políticos, dissolver o Congresso Nacional, restringir o quanto pode os direitos civis e políticos e por violar direitos humanos básicos. No plano internacional, ficou marcada por integrar a Operação Condor, uma aliança entre ditaduras da América do Sul para reprimir opositores políticos, e pelo alinhamento com os Estados Unidos no contexto da Guerra Fria.

Apesar das semelhanças, as ditaduras chilena e argentina colecionaram tensões, principalmente por causa de conflitos sobre a delimitação de fronteiras. A disputa pelo Canal de Beagle, na Patagônia, quase levou os dois países a uma guerra em 1978 e só foi apaziguada por uma mediação do papa João Paulo II.

Para os que viveram a ditadura chilena, talvez nenhuma memória seja mais traumática do que a constante violação de direitos humanos. Relatórios oficiais dão conta de que mais de 40 mil pessoas foram vítimas dos militares, o que inclui torturados, mortos e desaparecidos. Os principais afetados foram políticos de esquerda, dirigentes sindicais, militantes e simpatizantes de partidos socialistas.

Por meio de uma base ideológica chamada de Doutrina de Segurança Nacional, três órgãos de Estado colocaram em prática o projeto de destruição dos que consideravam inimigos do regime: Forças Armadas, Carabineros de Chile e Polícia de Investigações. Outros departamentos foram criados especialmente para a repressão: Dirección de Inteligencia Nacional (DINA, 1974-1977), Comando Conjunto (1975-1977) e Central Nacional de Informaciones (CNI, 1977-1990, sucessora da DINA).

Uma série de lugares foi transformada em centros de tortura ou campos de concentração, como o Estadio Nacional (1973), Estadio Chile (1973), o navio-escola Esmeralda (1973), Academia de Guerra Aérea (1973-1975) e a Isla Quiriquina (1973-1975).

O fotojornalista brasileiro Evandro Teixeira foi enviado, pelo Jornal do Brasil, ao Chile em 1973 para cobrir o golpe militar e lembra de um ambiente permanentemente hostil. Mesmo sob constante vigilância, ele conseguiu registrar o tratamento violento contra presos políticos no Estádio Nacional e ser o primeiro a fotografar Pablo Neruda morto, ainda no hospital. O poeta chileno foi vítima de envenenamento, segundo resultado de uma perícia internacional feita em 2023.

Mas foi um acontecimento, em tese mais simples do que os anteriores, que levou Evandro a passar uma noite na prisão. "Faltava carne de vaca para a população, que só comia galinha e porco. Eu estava andando pela cidade e passei em frente ao Ministério da Defesa. Vi um carro de açougueiro parado e um cidadão entrar com um boi inteiro nas costas para o pessoal do quartel. Achei uma sacanagem e fiz a foto", lembra Evandro.

Chicago Boys e Neoliberalismo

Assim que tomaram o governo, os militares decidiram implementar um conjunto de medidas para abrir a economia chilena ao capital privado e estrangeiro. Eles entendiam que o Estado deveria diminuir sua participação em alguns setores. Adotou-se, principalmente entre 1974 e 1982, de forma ortodoxa, os postulados neoliberais dos Chicago boys.

Foram chamados assim os economistas chilenos que seguiram os estudos de pós-graduação na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, e, ao regressarem, passaram a influenciar as políticas econômicas do Chile centradas em privatizações, redução do gasto público, abertura ao mercado externo e reforma trabalhista.

Indicadores macroeconômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB), tiveram variação positiva na maior parte do tempo em que durou a ditadura. Mas as classes altas foram as principais beneficiadas. Não houve distribuição de renda e a desigualdade social foi uma das marcas desse período. Somaram-se a isso índices altos de desemprego, diminuição de salários, aposentadorias e quebras de empresas.

Movimentos sociais e redemocratização

Uma nova Constituição nacional foi aprovada em 1980, por meio da qual Pinochet estendia em pelo menos mais oito anos o cargo de presidente. Mesmo diante desse reforço de poder, do crescente autoritarismo e dos mecanismos de repressão, os movimentos de oposição conseguiram se reorganizar durante a ditadura militar. Os primeiros dez anos da ditadura são conhecidos por dificuldades maiores de mobilização. Mas a partir de 1983, uma série de protestos começou a tomar conta do país.

Diante da pressão social crescente, a ditadura se viu obrigada a convocar um plebiscito em 1988, para que a população decidisse sobre a continuidade do regime militar. Mesmo que não tenham sido apresentados prazos concretos para isso, o processo teve adesão grande da população, com mais de 92% dos habilitados para votar indo às urnas.

As opções eram o “Sim” pela continuidade e o “Não” pelo término do regime. O “Não” venceu. Em 1989, foram realizadas as primeiras eleições presidenciais. O vencedor foi o candidato da coligação Concertación, o democrata cristão Patricio Aylwin Azócar.

A democracia estava de volta em 1990, mesmo que sob profundos questionamentos. Afinal, Augusto Pinochet deixara a presidência, mas continuava como líder das Forças Armadas. Em 1998, voltaria à política oficial para assumir o posto de senador vitalício.

No mesmo ano, seria detido durante uma viagem a Londres para tratamento médico. Sobre ele pesava um mandado de busca e apreensão, e pedido de extradição para a Espanha, onde era acusado por violação aos direitos humanos. Ficou mais de 500 dias em prisão domiciliar, mas contou com a ajuda do governo britânico, que o extraditou de volta para o Chile.

Em 2002, renunciou ao cargo de senador vitalício. Em 2004, investigações no Senado dos Estados Unidos apontaram que ele tinha contas secretas fora do Chile, no valor de quase US\$ 30 milhões, frutos de corrupção enquanto era ditador. Pinochet morreu em 2006, sem nunca ter sido julgado oficialmente pelos crimes que cometeu.

Questões mal resolvidas do passado

Durante quatro mandatos, de 1990 a 2010, a coligação Concertación dominou a presidência do Chile. Nos três primeiros, foi mantido o modelo neoliberal de economia. E apesar de terem dado ênfase nesse período aos gastos públicos nas áreas sociais e terem conseguido taxas altas de crescimento econômico, os governos não conseguiram resolver os problemas históricos de distribuição de renda.

Entre 2006 e 2022, o país alternou entre as presidências da socialista Michelle Bachelet e do direitista Sebastián Piñera. No período, destacam-se a “Revolução dos Pinguins”, em maio de 2006, o maior protesto de estudantes da história do país, com mais de 600 mil pessoas exigindo reformas educacionais. E os protestos de outubro de 2019, cujo estopim foi o reajuste de passagens do transporte público, e que envolveram mais de um milhão de pessoas. O resultado foi a convocação de um plebiscito em 2020, em que 78,27% dos votos decidiram pela criação de uma nova Constituição.

Em 2021, Gabriel Boric, do partido de esquerda Convergência Social, venceu as eleições presidenciais e iniciou o mandato em 2022. Para os defensores de um país mais progressista e comprometido com a igualdade social, a eleição representou um momento de esperança. Para alguns analistas, Boric se tornou símbolo de um modelo de renovação para as forças de esquerda.

Em setembro do ano passado, o texto da nova Constituição, considerada progressista, foi votado e rejeitado por 62% da população. O que colocou o país em um novo impasse: ao se manter preso em normas e direitos definidos em 1980 na ditadura militar, não resolve entraves históricos que bloqueiam o desenvolvimento social. Simbolicamente, também não consegue dar um passo importante para enterrar os vestígios da ditadura que assolou o país durante 17 anos.

Entenda o que causou o terremoto no Marrocos



O terremoto que atingiu a região central do Marrocos na 6ª feira (8.set.2023) foi o mais mortal na região desde 1960. O epicentro registrado na cidade de Marrakech marcou 6,8 pontos na escala Richter e já deixou mais de 2.000 mortos. A região não costuma ter abalos sísmicos dessa magnitude.

Em entrevista ao Poder360, o professor do Centro de Sismologia da USP (Universidade de São Paulo) George de França explicou que o terremoto é classificado como “intraplaca”, uma vez que se deu em uma região estável, ou seja, longe do limite entre as placas tectônicas. O Marrocos está 550 km ao sul do limite entre a placa da África da Eurásia.

TERREMOTO NO MARROCOS É O MAIS MORTAL PAÍS DESDE 1960


tremor de magnitude de 6,8 pontos na escala Richter atingiu a região central do Marrocos na 6ª feira (8.set.2023)



— falhas geológicas ativas



**maiores terremotos
no Marrocos desde
o século 20**

	 magnitude	 mortos
1960	5,8	12.000
2023	6,8	2.012
2004	6,3	628
1909	-	100
1969	7,8	13
2016	6,3	1
2007	6,0	0

Segundo o professor, a profundidade do abalo sísmico também pode ser um indicador de letalidade, uma vez que quanto mais superficial, maior é o impacto. No caso do terremoto de 6ª feira (8.set), o tremor foi 18,5 km abaixo da superfície.

“Esse é um terremoto raso e a causa é exatamente a liberação energia em regiões frágeis, não estão frágeis como no limite de placa, mas que tem mobilidade e se movimentam também”, explicou França.

Por ter sido registrado em uma área longe do limite interplaca, o dano causado pelo impacto tende a ser maior. “Quando acontecem terremotos de magnitudes dessa proporção [em regiões estáveis] ele tem um dano muito parecido com os de magnitudes 8 ou 9 em regiões de limite de placa”, disse o especialista.

De acordo com George de França, o abalo sísmico no Marrocos equivale ao impacto de 32 bombas atômicas que atingiram Hiroshima (Japão) durante a 2ª Guerra Mundial. “Esse terremoto agora, se for comparar com bombas atômicas, é equivalente a mais ou menos 30 ou 32 bombas atômicas, de modo geral”, explicou o professor da USP.

Para os próximos dias, o professor afirma que é possível haver novos terremotos, mas em magnitudes menores. “Podemos esperar réplicas, com tremores certamente em magnitudes menores [do que o tremor inicial] e devem acontecer em uma frequência de uma a duas semanas”, disse França.

Mortes na Líbia sobem para 11,3 mil, diz Crescente Vermelho



O número de mortos na cidade de Derna, na Líbia, chegou a 11,3 mil, disse o Crescente Vermelho nesta quinta-feira (14).

A secretária-geral do Crescente, Maria el-Drese, afirmou à agência de notícias Associated Press que além dessas mortes há 10,1 mil desaparecidos na cidade.

Uma enchente causada por uma tempestade extraordinariamente forte atingiu a cidade no domingo à noite.

Derna foi a cidade mais atingida. Duas barragens romperam perto do núcleo urbano e as águas desceram por um vale que corta a cidade, levando pessoas, carros e prédios no caminho que termina no mar.

Aviso 72 horas antes

Segundo a Organização Meteorológica Mundial, já havia avisos de perigo 72 horas antes da tempestade atingir o país. Teria sido possível remover uma parte da população.

As autoridades que controlam a região leste da Líbia até avisaram o público que uma tempestade iria cair no sábado (9), mas não houve nenhum tipo de aviso sobre possível rompimento de barragem.

País dividido

As informações divulgadas pelo governo e órgãos líbios podem não ser precisas porque, desde 2011, o país está politicamente dividido entre leste e oeste. Por conta disso, os serviços públicos entraram em colapso.

Há um governo reconhecido internacionalmente com sede em Trípoli, mas esse governo não controla as áreas orientais, o que dificulta a obtenção de dados na região.

Conflito na Líbia

Em 2011, a Líbia foi dividida entre governos rivais após a queda de Muammar Kadhafi. A administração reconhecida pela ONU está baseada em Trípoli. No entanto, essa gestão não tem controle sobre o leste do país, que foi mais afetado pela tempestade.

Atualmente, a Líbia tem dois primeiros-ministros: Abdul Hamid Dbeibah fica em Trípoli e comanda a faixa oeste; já Ossama Hamad governa o lado leste da cidade de Benghazi.

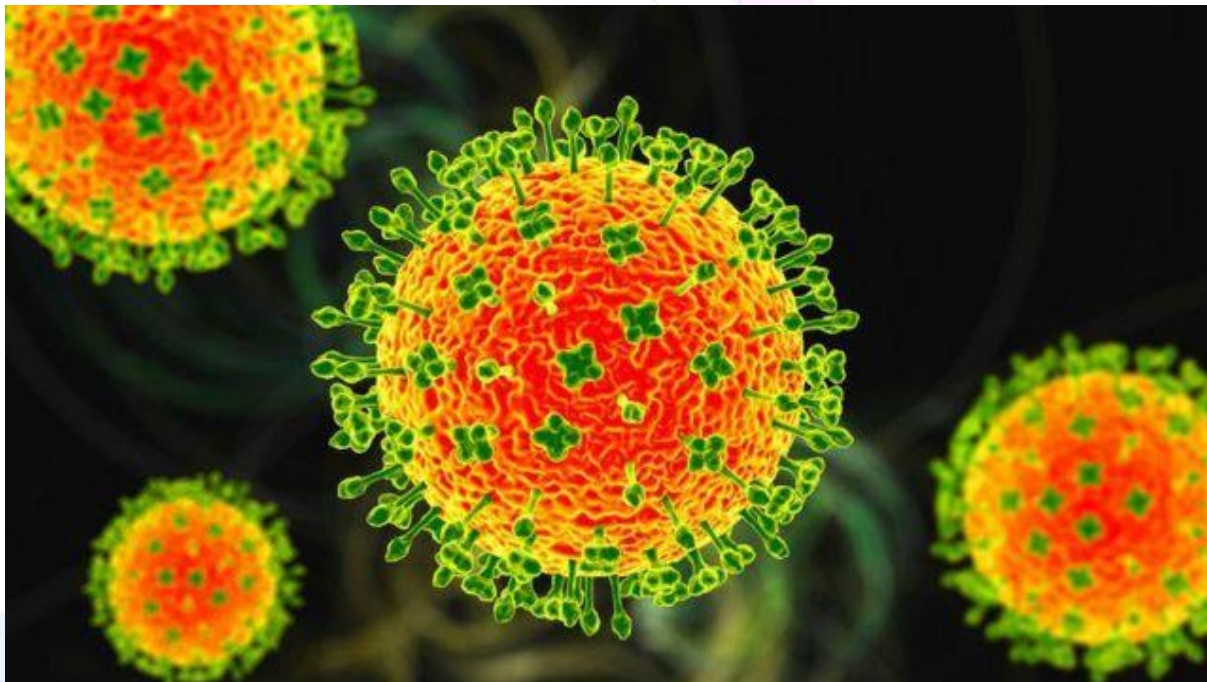
Ambos os governos possuem apoios de países diferentes. Enquanto Trípoli tem o apoio da Turquia, Catar e Itália, o governo de Benghazi é respaldado por Egito, Rússia e Emirados Árabes.

Mesmo diante da pressão internacional, o país enfrenta dificuldades em ser unificado. Em 2021, uma eleição chegou a ser marcada, mas acabou adiada.

Diante da disputa, conflitos violentos entre grupos rivais já mataram dezenas de pessoas. Em agosto, por exemplo, um confronto entre grupos armados deixou 45 mortos em Trípoli.

A Líbia também possui grandes reservas de petróleo. No entanto, a riqueza reflete muito pouco no dia a dia da população.

Nipah: quais são as chances de vírus mortal chegar ao Brasil ou causar nova pandemia?



A Índia registrou mais um surto do vírus Nipah. Segundo as últimas informações divulgadas, os cinco casos e as duas mortes aconteceram no Estado de Kerala, no sul do país.

Esse é o quarto episódio de infecções relacionadas a esse patógeno nesta região indiana desde 2018.

Mas será que existe o risco de o vírus se espalhar para outros lugares e eventualmente chegar até o Brasil?

Segundo especialistas ouvidos pela BBC News Brasil, a probabilidade de uma disseminação rápida do Nipah é pequena, ao menos por enquanto.

Mesmo assim, é importante que as autoridades nacionais e internacionais fiquem em alerta, defendem eles.

"Atualmente, todos os casos relatados estão relacionados às regiões geográficas onde são encontrados morcegos que carregam o vírus. Por isso, o Brasil não tem um risco atual para a introdução do Nipah", diz a médica veterinária Helena Lage Ferreira, presidente da Sociedade Brasileira de Virologia.

O virologista Fernando Spilki, da Universidade Feevale, no Rio Grande do Sul, pondera que o grande trânsito de pessoas e a globalização aumentam a probabilidade de vírus e outros patógenos viajarem de um canto do mundo ao outro — mas existem formas efetivas de lidar com o surto quando ele afeta uma região específica.

"O mais importante está justamente em rastrear os pacientes e os contatos próximos deles, para evitar que uma pessoa com vírus se desloque para outros locais e crie novas cadeias de transmissão", aponta ele.

Conheça a seguir os detalhes sobre o Nipah — e o que precisa ser feito para que ele não vire um problema de saúde pública ainda mais grave daqui em diante.

A situação de momento na Índia

Nos últimos dias, escolas e escritórios foram fechados em algumas regiões no Estado de Kerala depois que cinco indivíduos testaram positivo para o vírus Nipah.

As autoridades locais disseram na quarta-feira (13/9) que 706 pessoas foram avaliadas, incluindo 153 trabalhadores da área de saúde.

Até o momento, foram confirmados cinco casos da infecção. Desses, dois indivíduos morreram e os outros três (incluindo uma criança) estão hospitalizados.

Os pacientes foram identificados no distrito de Kozhikode, ao norte do Estado. As duas mortes ocorreram entre o final de agosto e o início de setembro.

Pinarayi Vijayan, ministro-chefe de Kerala, pediu que as pessoas evitem aglomerações em Kozhikode pelos próximos dez dias.

Ele ainda orientou que os moradores usem máscaras e só visitem hospitais em situações de emergência.

Segundo Vijayan, não há motivo para pânico e todos os indivíduos que estiveram em contato com as vítimas estão sendo observados.

Nipah: que vírus é esse?

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que o vírus Nipah foi identificado pela primeira vez em 1999, durante um surto que acometeu uma fazenda de suínos na Malásia. Desde então, este país não teve mais nenhum episódio da doença.

O nome Nipah, aliás, vem da vila malaia onde o vírus foi isolado há 24 anos.

O patógeno pertence à família dos paramixovírus, a mesma da qual fazem parte os causadores da caxumba e do sarampo.

Outro integrante do grupo é o Hendra, agente infeccioso emergente que também preocupa os cientistas.

"Na natureza, o Nipah circula em morcegos frugívoros que vivem principalmente na Ásia, mas também são encontrados na Indonésia e na Austrália", explica Spilki.

Os principais reservatórios do vírus são os morcegos do gênero Pteropus, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos. Eles têm grande porte e são conhecidos popularmente como "raposas voadoras".

A transmissão do Nipah para seres humanos acontece por meio do contato direto com os morcegos, bem como com os fluidos corporais deles (saliva, urina) ou por contato com as fezes.

Outra forma de transmissão se dá pelo consumo de alimentos contaminados pelo animal.

Há casos registrados da doença que ocorreram depois que os pacientes comeram frutos crus ou tomaram a seiva de palma que apresentava material orgânico advindo dos morcegos.

Outras vítimas frequentes do Nipah são os suínos. E o vírus pode ser passado de porcos infectados para seres humanos.

Há casos registrados de infecção por este patógeno em outros animais domésticos, como cães, gatos, cabras, cavalos e ovelhas, de acordo com a Organização Mundial de Saúde Animal (WOAH, na sigla em inglês).

A transmissão de pessoa para pessoa também é possível.

"Indivíduos que têm contato com esse vírus podem apresentar sintomas graves, como problemas respiratórios e encefalite [inflamação do cérebro]", resume Ferreira, que também é professora da Universidade de São Paulo (USP).

"A letalidade chega a 70% entre os infectados", complementa ela.

Para ter ideia, a Covid-19 antes da disponibilidade de vacinas tinha uma letalidade que beirava os 3%. Já na gripe, causada pelo vírus influenza, essa taxa fica em 0,2 a 0,5%.

Por ora, não existe imunizante ou remédio capaz de prevenir ou tratar a infecção pelo Nipah.

"As vítimas recebem um tratamento de suporte, que tenta mitigar os sintomas conforme eles aparecem", acrescenta Spilki.

Segundo a OMS, o tempo de incubação (período entre a invasão viral e o início dos sintomas) varia de 4 a 14 dias. Mas há casos registrados em que essa "espera" para o aparecimento dos incômodos levou até 45 dias.

Entre os sintomas, a organização destaca que pacientes costumam apresentar inicialmente febre, dor de cabeça, dor muscular, vômitos e dor de garganta.

"Isso pode ser seguido por tontura, sonolência, alteração de consciência e outros sinais neurológicos de uma encefalite", diz o texto.

Alguns indivíduos ainda sofrem quadros de pneumonia e outros problemas respiratórios severos. Nos casos mais graves, a progressão para o coma leva entre 24 e 48 horas.

Histórico recente

Como mencionado anteriormente, o primeiro surto de Nipah aconteceu em 1999 numa fazenda de suínos na Malásia. À época, casos também foram identificados em Singapura.

Para conter a crise antes que ela ganhasse proporções maiores, autoridades determinaram o sacrifício de mais de um milhão de porcos que viviam nas regiões afetadas, lembra a WOA. A entidade destaca que o Nipah tem um "efeito zoonótico devastador".

Dois anos depois, em 2001, o Nipah foi detectado em Bangladesh. Desde então, o país tem surtos com o patógeno praticamente todos os anos.

A Índia é outro local que sofre com casos esporádicos. Desde 2018, o Estado de Kerala é acometido por episódios da doença.

A OMS admite que outros países do Sudeste Asiático e da África apresentam risco de infecções pelo Nipah, uma vez que esse vírus foi observado em morcegos que habitam esses locais. É o caso de Camboja, Gana, Indonésia, Madagascar, Filipinas e Tailândia.

Entidades apontam que o "pulo" do Nipah de morcegos para outras espécies pode estar relacionado com a destruição de recursos naturais pelo ser humano.

“Talvez, como resultado do desmatamento, as criações de suínos na Malásia onde o surto se originou inicialmente possuíam algumas árvores frutíferas que atraíam os morcegos da floresta tropical, expondo assim os porcos domésticos à urina e às fezes contaminadas.”

— Organização Mundial de Saúde Animal (WOAH, na sigla em inglês).

Um fenômeno parecido é observado agora na Índia, como destacou uma reportagem publicada pela agência Reuters.

A gravidade da infecção e todo o contexto global atual fizeram com que a OMS incluísse em 2018 o Nipah na lista de doenças prioritárias para pesquisa e desenvolvimento de novas formas de prevenção e tratamento.

Uma nova pandemia?

Por ora, o risco de o Nipah se espalhar e se transformar em algo mais grave, como uma epidemia ou uma pandemia, é baixo, segundo os especialistas.

Spilki destaca que a prevenção necessária para evitar esse cenário está em curso na Índia.

"As autoridades indianas estão fazendo aquilo que foi realizado para lidar com os surtos anteriores: monitorar os casos e rastrear os possíveis contatos", destaca o virologista.

"Para ter ideia, mesmo com duas mortes confirmadas até o momento, eles já testaram mais de 700 pessoas que tiveram algum contato direto ou indireto com as vítimas."

"É justamente isso o que precisa ser feito para encontrar pessoas infectadas, para que elas sejam isoladas e devidamente atendidas. Isso evita a dispersão do vírus para outras regiões", conclui ele.

Spilki ainda destaca que, além dessa ação local, é importante que as autoridades sanitárias e os governos de todo o mundo fiquem em alerta.

"Principalmente para monitorar indivíduos que apresentam sintomas sugestivos e passaram pela região de surto", diz ele.

O pesquisador aponta que o Brasil tem capacidade e estrutura para realizar essa contenção, se necessário.

Lage concorda com a necessidade de manter um estado alerta por parte das autoridades, mas ressalta que o morcego que carrega esse vírus não está presente em nosso país — além disso, o fato de a transmissão de uma pessoa para outra não ser tão fácil assim representa um alívio.

"Como fator de prevenção, aqueles que vão visitar áreas em que surto está ocorrendo devem sempre evitar contato com infectados", sugere ela.

"Nesses locais, também é importante não comer frutas cruas ou outros produtos que possam ter contato com a saliva e as secreções dos morcegos", conclui a virologista.

Presidente da Federação Espanhola de Futebol renuncia ao cargo após beijo forçado em jogadora



O presidente da Federação Espanhola de Futebol, Luis Rubiales, apresentou neste domingo (10) carta de renúncia ao cargo. Ele também pediu destituição do posto de vice-presidente da Uefa, a federação europeia do esporte.

Ele já estava suspenso provisoriamente pela Fifa e pelo governo espanhol.

Rubiales deu um beijo à força na atacante Jenni Hermoso, da Espanha, após a final da Copa do Mundo feminina, vencida pelo país. O gesto gerou fortes críticas e repercussões negativas. O primeiro-ministro espanhol condenou a atitude, que duas de suas ministras chamaram de violência sexual.

Em agosto, Rubiales havia dito que não deixará o cargo e alegou que houve consenso sobre o beijo.

Posição de Jenni Hermoso

A jogadora Jenni Hermoso se pronunciou sobre o beijo em 23 de agosto pela primeira vez desde que o caso se tornou polêmico. Através de um sindicato a que pertence, Hermoso disse que condena o ato e vai exigir "medidas exemplares".

Foi a primeira vez que Hermoso falou desde que voltou à Espanha, na segunda-feira (21). Havia bastante dúvida sobre sua posição.

Em um primeiro momento, ela reclamou da atitude durante uma transmissão ao vivo em suas redes sociais logo após a partida, no vestiário. "Eu não gostei, viu?", disse, ao ser questionada por colegas sobre o beijo.

Mais tarde, no entanto, a Federação Espanhola de Futebol divulgou uma nova declaração de Hermoso, na qual ela disse também que o gesto foi "um ato de carinho entre amigos". Mas a própria jogadora não postou a declaração em suas redes e nem voltou a se pronunciar sobre o caso, o que gerou especulações de que ela foi pressionada pela federação.

Morre Domenico De Masi, sociólogo que pensou o 'ócio criativo', aos 85 anos



Autor do conceito de "ócio criativo", com um livro de mesmo nome que foi um best-seller, o sociólogo italiano Domenico De Masi morreu aos 85 anos, em Roma, de acordo com a imprensa da Itália. Ele tinha uma doença em estágio terminal, mas a causa da morte não foi informada. Ele deixa sua mulher, Susi Del Santo.

De Masi escreveu em sua teoria que o tempo livre não é algo negativo, mas imprescindível para estimular a criatividade individual e aprimorar a adaptação na sociedade globalizada e pós-industrial, marcada pelo rápido crescimento tecnológico e do setor de serviços.

A prática do "ócio criativo", dizia ele, seria possível de alcançar por meio da união de outros três conceitos —o trabalho, caracterizado pelo cumprimento de tarefas necessárias; o estudo, através das ferramentas proporcionadas pela digitalização; e o "jogo", isto é, o lazer necessário para evitar a mecanização do trabalho.

"É pelo trabalho que produzimos riqueza, pelo estudo que produzimos conhecimento e pela diversão que produzimos alegria. Ócio criativo é a união desses três fatores", escreveu De Masi.

O sociólogo nasceu em Rotello, uma pequena cidade da região de Molise, no sul da Itália. Começou a escrever aos 19 anos sobre sociologia do trabalho e estudou em Paris às vésperas do Maio de 1968, um movimento político na França marcado por greves e ocupações estudantis que impulsionou a politização da juventude.

Mais tarde, De Masi lecionou na renomada Universidade de Roma La Sapienza. Na Itália, o sociólogo influenciou a criação da renda básica de cidadania, em 2019, benefício destinado a famílias de baixa renda que inspirou ações do partido Movimento 5 Estrelas.

Nas redes sociais, Giuseppe Conte, ex-premiê da Itália e atual presidente da sigla, lamentou a morte do sociólogo. "Não é possível resumir em poucas linhas a profunda humanidade, o refinamento intelectual, a energia vital, a coragem e o amor pelo conhecimento de Domenico De Masi", disse.

Descrito como "sociólogo dos trabalhadores" pela imprensa italiana, De Masi não se esquivava de debates políticos. Em 2019, quando seu país via a escalada do populismo pela figura do político de extrema-direita Matteo Salvini, o sociólogo escreveu que "o populismo nada mais é do que uma explicação primitiva da sociedade e da política em termos rudes, emocionais, míticos, infantis, desleixados e que leva as pessoas de volta a uma fase anterior ao Iluminismo."

De Masi defendia que a Itália deveria voltar a investir na formação gratuita de jovens através da eliminação das taxas universitárias, com o objetivo de diminuir os índices de criminalidade das regiões menos abastadas do país e promover o aumento do número de eleitores.

"[Na Itália], ainda cometemos um erro: o diploma não serve para encontrar trabalho. Pode até ajudar, mas serve especialmente para formar cidadãos e permitir que ele entenda o telejornal. Antes um desempregado com diploma do que um desempregado sem diploma", afirmou em entrevista ao jornal Il Manifesto, em 2016. "Precisamos investir em inovação e pesquisa. Ou a Itália muda, ou estamos condenados ao terceiro mundo."

O sociólogo era amigo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e chegou a visitá-lo na cadeia, em Curitiba. Quando o presidente brasileiro foi libertado, De Masi disse que sua fama no exterior continuava intacta e que Lula ainda era uma das maiores lideranças mundiais.

Nas redes sociais, Lula lamentou a morte. Ele relembra que visitou o amigo durante uma viagem à Itália há cerca de três meses. "Ele estava, como sempre, animado, com análises inteligentes e cheio de ideias e planos. Sempre foi um defensor das causas sociais, do avanço das conquistas humanas e de um mundo mais justo e solidário. Também foi muito atento e carinhoso com o Brasil, visitando o país sem nenhum medo de se posicionar, mesmo nos momentos mais difíceis."

Sua admiração pelo Brasil rendeu o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro, em 2010, e o sociólogo chegou a frequentar o escritório do arquiteto Oscar Niemeyer, quem admira.

Em seu livro "O Futuro Chegou", de 2014, De Masi se dedicou a analisar o modelo de sociedade do Brasil. Segundo ele, após ser obrigado a copiar os sistemas Europeu e dos Estados Unidos durante séculos, o país tinha a chance de desenvolver seu próprio modelo de sociedade diante da crise na América do Norte e no velho continente.

À Folha, o sociólogo italiano chegou a dizer que o Brasil tem um pé atrás com a idealização da eficiência e da produtividade propagadas pelos países ricos, o que ele considerava algo positivo. Tal resistência brasileira se deveria à influência indígena, que ele elogiava.

"Os americanos espalharam pelo mundo a cultura do 'manager'. A Itália se americanizou, por exemplo. Até na cultura. Hoje só há rock e cinema americano lá. Vocês têm a bossa nova, têm novela", disse ele.

Para De Masi, em suma, pensar é muito mais importante do que trabalhar. Em seu mundo ideal, tudo que não envolva criatividade será feito por máquinas, o que poderia libertar o homem.



Estratégia
Concursos